

Saúde substituirá tomógrafo que não chegou a utilizar

O valor pago em quatro anos aos hospitais da rede privada para realização de exames de tomografia computadorizada daria para comprar um destes aparelhos, hoje avaliado em 1 milhão e 200 mil dólares. Esse é o preço que o secretário de Saúde, Milton Menezes pretende pagar por um tomógrafo que permitirá atender à demanda de cerca de 15 exames diários. Por falta de um aparelho — o existente está fora de uso por vários problemas — são realizados apenas 100 exames mensais, a um custo unitário de NCz\$ 600.

Comprado há seis anos para atender necessidades diagnósticas diversas e até hoje nunca utilizado, o tomógrafo computadorizado de fabricação francesa do Hospital de Base deve ir parar num ferro-velho dentro de muito pouco tempo. Ninguém admite isso publicamente, mas a Secretaria de Saúde já tem posição tomada sobre a necessidade de compra de um aparelho moderníssimo, que produzirá imagens a cores e tridimensionais sem precisar “esfriar” como seu companheiro de segunda geração, que deve ser aposentado sem ter entrado em serviço.

Vantagem

A possibilidade de que o tomógrafo ainda sem uso do HBB seja recuperado mesmo que para uma vida útil curtíssima fará com que o Hospital fique com uma disponibi-

lidade tão grande desse recurso que o exame poderá ser solicitado até para diagnóstico de “joanetes”, brinca Milton Menezes. E ele não vê nisso nenhum abuso, pois “a prática médica acaba gerando novas demandas por facilidades de equipamento”, argumenta, lembrando que há algum tempo a ecografia só era solicitada em indicações específicas.

O tomógrafo computadorizado serve para o estudo radiológico minucioso de todo o corpo do paciente, mas tem mais ampla indicação no diagnóstico de traumatismos craniânicos, hemorragias abdominais e tumores de um modo geral. A falta de um desses aparelhos faz com que os médicos do HBB reduzam a solicitação de exames tomográficos, uma vez que a cota mensal estipulada é de apenas 100. Com isso, garante Carielo, muitas vezes o paciente é salvo apenas pela habilidade do médico que o acompanha.

Exemplo disso foi a Garota que levou uma queda em casa e aparentava passar bem. A criança não sofreu nenhuma fratura e por isso o exame não foi solicitado, mas cerca de duas horas depois do pequeno acidente entrou em convulsão, constatando-se então a necessidade de cirurgia por hemorragia interna. Se tivesse sido feita a tomografia indicada imediatamente — frisa Carielo, a cirurgia teria sido imediatamente, evitando o perigo da convulsão.